

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

REDATOR-GERENTE: RODOLPHO FELIPPE

Redação e administração
LADEIRA DO CARMON.º 7
Expediente à noite

ASSINATURAS:
Ano 10\$000 -- Semestre 5\$000
Número avulso \$200 -- Pacote 12 exemp. 2\$000

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados à Caixa Postal 105
S. Paulo — Brasil

Carta aberta aos fundadores do Partido Socialista Brasileiro

CAROS PATRÍCIOS:

Havéis de permitir esse tratamento algo simplista por não ver outro com que vos enderece estas palavras um tanto duras, mas sinceras.

Conheci vos nas sessões brumosas do Primeiro Congresso Revolucionário Brasileiro, de 15 de Novembro ultimo. Deveis compreender, pelo que vos expus então, os meus motivos para considerar esse congresso, revolucionário "em nome" apenas.

Claro que, para o fascismo clerical e plutocrata, combatido pelas armas, porém dominante ainda no governo e na sociedade, vós sois «revolucionários». Ousastes, com efeito, opô-los, embora fragilmente, à sindicalização fascista arquitetada pelo Clube 3 de Outubro e proclamastes, quasi unanimemente, o «Estado leigo» e o «divórcio», duas coisas irritantíssimas aos jesuítas, donos do Brasil.

O vosso amor ao Proletariado

Num pontinho, todavia, fostes vós unânimes, catorosamente unânimes: no vosso «amor» ao proletariado, aos humildes, aos produtores reais, aos explorados por agiolas, seculares ou clericais.

Esse «amor» socialista ao proletariado é velho no mundo inteiro, mas novinho no Brasil. Vai-se tornando «moda» e, assim, temos agora socialistas no Brasil, possivelmente iguais ao Agripino Nazaré quando foi, disse-nos ele no Congresso, «anarquista» só por «moda».

Pois, caríssimos patrícius, se vos escrevo esta carta aberta, é que, tendo averiguado, nos debates em plenário, o vosso particular desconhecimento do problema proletário, quer dizer, da questão social, considero dever meu esclarecer, fóra da balbúrdia congressista, vossa posição atual, muito menos revolucionária, muito menos «amiga» dos trabalhadores, do que os mais sinceros dentre vós supõem.

Atrevo-me, antes, a afirmar-vos que vós sois, em tudo e por tudo, na hora presente, «contra-revolucionários» ou «través inconscientes» da marcha proletária universal.

Se sois realmente, e não por «moda», amigos certos do proletariado, procedeis maislastimamente impedindo, com a vossa intervenção centrista, com vossos panos-quentes eleitorais, o deslize do arranço da revolução verdadeira, a da massa livre contra o regime democrático.

Vós estais, com efeito, atrozadíssimos no vosso revolucionarismo.

Eu vos vejo admiravelmente retratados nestas linhas do anarquista, P. Archinoff em sua «Historia do movimento makhovista» (p. 51 e 52 da ed. franceza). Diz ele:

«As vagas aspirações políticas da «intelligência» russa em 1825 (vêde

bem, patrícius, há mais de um século), erigiram-se, meio século depois, num sistema socialista estatista acabado e essa mesma «intelligência» num agrupamento social e económico preciso: a democracia socialista. As relações entra ela e o povo se fixaram definitivamente: o povo a continuar para uma auto-direção civil e económica; a democracia a procurar exercer sobre o povo o seu poder. A ligação entre eles não se logra manter senão por meio de ardis, embustes e violências, mas, de nenhum modo, naturalmente, por força de uma comunhão de interesses. Esses dois elementos são hostis um ao outro. A própria ideia estatista, a ideia de uma direção das massas pela compressão, foi sempre o índice de indivíduos a que falta o sentimento de igualdade e onde impera o instrumento de egoísmo, indivíduos para quem a massa humana é matéria bruta, privada de vontade, de iniciativa, de concência, incapaz de, por si mesma, dirigir-se.

«Essa ideia caracteriza sempre grupos privilegiados, girantes fóra do povo obreiro: camadas patricias, casta militar, nobreza, clero, burguezia, comerciante, etc. Não é por acaso que o socialismo moderno se mostrou zeloso servidor da mesma ideia. O socialismo é a ideologia de uma nova casta de dominadores. Se observarmos atentamente os apóstolos do socialismo estatista, veremos que cada qual deles impõe aspirações centralizantes, considera-se, antes de tudo, um centro dirigente e comandante, em redor do qual as massas gravitam. Esse traço psicológico do socialismo estatista e de seus edis é a continuação direta da psicologia dos antigos grupos dominantes extintos ou em via de extinguir-se.

Precisamente isso, caros patrícius. Vós vos revelais, em todos os vossos atos e medidas, amigos fervorosos dos proletários, mas com a pequena condição de que «vós os dirijais», de que eles se submetam a «eis protetoras» por vós mesmos sollicitamente formuladas.

Não protesteis, que as provas disso as dístes vós mesmos no Congresso Revolucionário, em atos sucessivos, culminantes na criação extemporânea, absurda e perigosa de um «partido socialista brasileiro».

Em dois pontos todos vós, «amigos» do proletariado, concordastes francamente: na «sindicalização das classes» e na sua «representação política».

Sindicalização forçada

Que significam essas duas coisas senão vosso desejo franco, inegável, íntimo de dominação política do trabalhador?

A «sindicalização» de que falais é sindicalização compulsória, feita pelo

Estado, de todos os trabalhadores, «para fins eleitorais».

Bati-me, no vosso Congresso Revolucionário, contra essa monstruosidade e, ao parecer do reacionário clerical, sr. Abelardo Marinho, membro do Clube 3 de Outubro e relator da comissão de legislação, opuz um substitutivo que rezava: substituir todo o parecer da comissão por este único artigo: «a sindicalização deve ser inteiramente livre sem nenhuma interferência do Estado».

Porquê isso? Porque sindicalização promovida pelo Estado, compulsoriamente, seria o mesmo que dar alguém armas a quem o quer matar. Assombra-vos vós? E' que não tendes de «sindicato» outra ideia que a do sindicato anti proletário, tipo fascista, contrafeição Collor, embuste do Estado para escravizar as massas despetantes.

«Sindicato», meus bons amigos, é órgão de «luta» proletária contra o Estado, contra a máquina social de patrões, argentários, políticos prolislonaes e cleros parasitarios.

O sindicato nasceu desse «imperativo económico», reconhecido na primeira Internacional, segundo o qual cumpria aos trabalhadores do mundo inteiro unir-se para combater a Internacional dos capitalistas. A cada sindicato capitalista importava opôr um sindicato operário. Contra a liga universal dos sindicatos patronais, forçoso era erguer a liga universal dos salarizados.

O Estado órgão capitalista

E que é Estado, caros patrícius, senão o órgão de compressão, armado e mantido pelo capitalismo, para dominar o proletariado?

Pois não é fim declarado do socialismo eliminar o Estado burguês para pôr fim á luta de classes? Não reconhecem todas as facções socialistas esse caracter funcional do Estado?

E como pôde então o Estado, órgão essencialmente capitalista, promover a criação de «sindicatos», órgãos proletários anti-capitalistas?

Só se explica isso, considerando essa tal sindicalização mais uma das multíssimas burras com que os esperitísimos argentários procuram, e desgraçadamente conseguem, mistificar o proletariado insurreto.

Na Italia, com efeito, Mussolini valeu-se da «sindicalização estatal» para aniquilar os sindicatos proletários. Aqui, no Brasil, outra coisa não quer o Ministério do Trabalho. Nas leis do sr. Lindolfo Collor, feita apenas o «sindicato único», já propalado por seus espóletas.

Demais, sindicalização por decreto, como quer o Clube 3 de Outubro por vós todos apoiado, é coisa tão arqui- absurda, que não chego a imaginá-la senão como expertise eleitoral de fu-

turos candidatos a um parlamento mistificador.

O que é o sindicato

Sindicato proletário, já vos disse, é órgão de luta. Para surgir exige duas cousas: o «sentimento proletário de defesa económica, e a mentalidade proletária de insurreição».

Coagir, pois, proletários a ingressar em sindicatos, sem uma eficiente propaganda revolucionária livre, «propaganda contra o Estado burguês», contra o regime capitalista vigente e por uma organização internacional de trabalhadores, para uma emancipação mais ou menos próxima de todos eles; aliar mecanicamente camponezes numa associação, para que elejam «representantes» a um parlamento burguês, necessariamente anti-proletário, é uma dessas ridicularias caivamente maquiavélicas ou jesuíticas, que o proletariado conciente vai e desmoraliza com dois salões e um «fiu» bem prolongado.

A representação de classes

E a representação de classes? Caríssimos patrícius, que pantomima chãcha fostes arranjar nesta formidável hora de aversão geral «a toda casta de representantes»?

O proletariado, senhores meus, esse proletariado de quem vos dístes tão amigos, só vos pede encarecidamente uma coisa: que o deixeis tratar dos seus negócios «diretamente» com os patrões, quer dizer, sem intermediações de qualquer especie, melhor ainda, sem representante de qualquer tipo, «nem mesmo operários». E porque? Porque a historia desses 80 anos de luta social ha mostrado amplamente que todos os «representantes» do proletariado têm sido «traidores».

O proletariado conciente quer a «ação directa», quer reclamar, ele proprio, do patrão, lutar com suas proprias armas, sem confiar a terceiros esse direito vital.

Mas vós pensais assim: «Que lindo! Um parlamento onde se seotem representantes do operariado, mas operários legítimos, avidos da fábrica ou do campo! Que maravilhosa democracia não vai ser!».

E eu vos digo, amigos meus e do proletariado, que não passa o vosso quadro de impostura, mais uma impostura burguesa para iludir e dominar o proletariado.

Que diabo vai fazer o proletariado, fininho nato da burguezia num parlamento essencialmente burguês, entré um Lineu de Paula Machado, o sr. Pereira Carneiro, o jesuíta Leonel da Franca ou o sr. Tristão de Ataíde?

Ser, seguramente, mais uma vez, crucificado por tais calhazes da plutocracia e do clero.

Considere-se um pobre tecelão semi-analfabeto e mais um plantador de mandioca, analfabeto de todo, a discutir leis sociais, orçamentos, escola nova e valorização da moeda!

Positivamente, lá no vosso íntimo, estais rindo a bom rir, dos bobos operários que vão pegar no anzol. Porém, amigos meus, vós abusais um pouco da vossa veia embusteira e da pasice do jeca nacional. Cuidado! Nesse derradeiro lance da vossa consumada vilharcaria burguesa, arriscavos muito a revelar vossa manobra de raposa. O meu obreiro atual está muito doutrinado na desconfiança sistemática a todos os seus «amigos» gra-lujos. Sabem muito bem, que os tais socialistas, por mais avermelhados, não

tem feito senão paralisar a ação das massas, contramutar o assédio proletário á fortaleza capitalista, desviando os sindicatos, pregando-lhes um reformismo inoperante, conciliando o capital e o trabalho, proibindo em suma, a liberação sonhada pelos produtores.

«Representação de classe» é um programa enganapador, que o proletário organizado repele, só aceitável á desprezível fração de obreiros amarelados, chelados por socialistas de moda, funcionários de ordenado certo, ou ex-proletários a serviço de governos e patrões.

Mais uma burla, patrícius meus, que vós encampais com a vossa auréola revolucionária, mas que o proletariado refuga por anti-revolucionária, burguezíssima e, como as demais, proletárias da emancipação dos homens.

Exortação final

Se sois amigos do proletariado, reconsiderai o vosso ato, dissoltei o vosso rançossimo Partido Socialista, riscal do vosso programa a tal sindicalização por decreto e a vossa representação de classe, e fazei-vos anti-socialistas, anti-burguezes, anti-parlamentaristas, anti-clerics, anti-estadistas, todos os «antis» que caracterizam a revolta presente e são a credencial única do revolucionário genuino. Se não tendes coragem disso, tende ao menos a franqueza de vos declarardes, jáis quais sois: socialistas por modo ou... por expertise.

Patricio e amigo
JOSÉ OITICA.

JESUS

Para A «PLEBE».

Esqueletico e explorado, faminto e rebelde, Cristo ainda perambula pelos centros das grandes metropoles, ou pelos sertões abruptos, perseguido e escorraçado, e, uma vez por anno, festejado o seu nascimento, ante fartas mezas de succulentos bródios.

Renova-se, assim, anualmente, o desafio eterno ás bocas escancaradas da miseria que o apatacado burguês lança ao povilão, descendo, com seu luxo e suas pompas, feticlamente, hipocritamente, da grandeza de seu poderio, para homenagear, no «sagrado lar da familia», o puro, o inocente, o «simples» e loiro Menino Jesus, ornamentado pelas babeis mãos do clero com deslumbrantes pedrarias de raro valor.

O Menino Jesus, o «filho do milagre», embeleza-se de grandezas esplendorosas, e sorri aos petizes felizes dos industriais, dos fazendeiros, dos politicos, dos capitalistas, dos exploradores da miseria do povo!

Que farça! O idolo do cristianismo transformado em boné de Nurembergue, em João minhóca, e sorri e gra-

Conclue na 4.a pagina.

GUERRA A' GUERRA

Reunem-se em Amsterdam os Idealistas do Fraternismo, os poetas do Pan-Humanismo, para o grito novo que explode da alma sofredora da Humanidade: Guerra á Guerra! Depois que assistimos ao espetáculo horrroso da sangueira de 1914, onde a maldade humana atingiu as raias do barbarismo e a especie teve saudades da sua infancia animalésca, despertando a besta fera que dormia nas cavernas do seu subconsciente; depois, ainda, que passaram ante os nossos olhos lacrimejantes os grandes quadros da Dór—o sacrificio de quinze milhões de homens, as legiões de mutilados e de famintos, a prostituição, a orfandade, a miséria, o luto, a peste e a fome; depois de todo esse Himalaia de infâmias, o Homem moderno, contemplando os escombros do Passado, teve horror de si próprio: viu que era um monstro e que tinha as mãos manchadas no crime de Cain e soluçou... gritou... e soltou um brado—brado de dór, de angustia e de revolta—guerra á guerra!

Compreendeu que o Herói não podia ser mais aquele selvagem troglodita que, no «front», dava pasto ás suas paixões e satisfazia aos seus mais baixos instintos em nome de um patriotismo mal compreendido, afrouxando a censura interna para deixar sair a tona os resíduos da animadversão ancestral que jaz nas suas entranhas. O Homem moderno viu as misérias do «front»; viu, ali, a morte do amor em morticínios em massa; viu toda a estupidez humana glorificada no Herói aclamado pelas Internacionais Armamentistas, pelo capitalismo rapace e pela moral farisaica do burguezismo, que ainda manda matar e trucidar em nome de ídolos sanguinários—Dignidade nacional, Patria e Bandeiras... O Homem moderno viu mais ainda: debruçado sobre o Evangelho de Remarque chegou á conclusão real de que a guerra é a borracha, o carvão, o ferro, o aço, o petroleo, a imposição de produtos, conquista de terras e de mercadorias. Numa palavra: o cofre forte dos Cesares, fabricantes de maquinas e devorador da carne humana para a «saldada de homens».

E o clamor humano explodiu mais impetuoso, mais veemente e mais forte: Guerra á guerra!

Herói? Sim, o unico e verdadeiro Herói é o Desertor, o objeto de consciencia, o que, cerrando os ouvidos aos impetos logosos da demagogia patrioteira, escuta, apenas, a voz interna dos deuses que soluçam e cantam na Catedral de sua alma «o sorriso da duvida e a musica dos sonhos», repetindo tambem o brado de amor do Nazareno—«Ama ao teu próximo como a ti mesmo».

E, nesta hora, neste agitado minuto de trepidação universal, quando se assiste á derrocada da velha sociedade burgueza-capitalista militar, como é admiravel e consolador ver destilar ante os nossos olhos os novos Apóstolos da Paz—Gandhi, Einstein, Unamuno, Bernard Shaw, Victor Meric, Han Ryner, Romano Rolland, Upton Sinclair, Gorki, Remarque, Henri Barbusse e tantos outros que

compreenderam a beleza heroica da não violencia e da sabedoria esplendida de Budha: «O odio não se mata com o odio; o odio só morro com o amor».

Emquanto os horizontes do Extremo Oriente estão carregados de nuvens densas e negras, anunciadoras de grandes tempestades, emquanto o regimen burguez-industrial-militar açula odios adormecidos e desperta chagas cicatrizadas entre os povos para atral-os numa nova «Joucuru planetaria», como a de 1914, e emquanto, ainda, vemos o clero abençoar exercitos, espadas, aviões e bandeiras, pregar na orelha de Cristo o cródo de Cain e chamar de santas ás guerras fratricidas, resta-nos, e nós outros, admiradores desses novos Apóstolos, o desencargo de consciencia de termos bradado, em pleno furor da tempestade, o grito de fraternismo do grande Galileu:

Não Matarás! Amaj-vos uns aos outros!

ANIBAL VAZ DE MÉLO

Rumo ao campo... para quê?

Intrigado, eu veio, ha tres dias, meu vizinho Vicente, o cabido que serve de «espírito» nos literatos — para fazer rir aos burguezes, o chamado léca-lali — a «barriga para o ar, asso-biando baixinho, de vagar, o que significa uma grande tranquilidade, satisfação e paz de consciencia.

Aproximei-me e o interpelei.

— Como? Vicente. Tanta alegria, assim esparramado, você que pretende que o malto cresce mais depressa que o feijão e que, de sol a sol, é uma pejeia danada contra a tiririca, a formiga, a chuva, a seca?!

— Ora essa! Então você não sabe? A roça dá tudo...

— Mas... diga, Vicente: onde é que você aprendeu isso?

— Na cidade!

— Você estere na cidade?!

— Como não?

— E foi lá que você encontrou a solução para ficar de papo ao sol?

— Pois de certo...

— Conte-me como foi isso.

— Você não se lembra do tal homem que cada ano vinha aqui e dizia:

— O Vicente, porque você não planta tomate, repolho, pimentão, feijão o que dá dinheiro, em vez de ficar nesse negocio de plantar feijão, mandioca, milho, essas cousas que não dão nada? Si você plantar tudo isso e mandar para a cidade, logo ficará rico.

— Imaginei. Pôde ser que o homem tinha razão. Assim, mandei vir as sementes. Plantei tomate, pimentão, repolho, tudo que o homem disse que dava dinheiro. Chegou o tempo das colheitas. Mandei tudo para o tal Matias. Esperei... esperei... até cansar. Como o homem não mandou dizer nada, essentei de abrir o pé para a cidade e vêr com meus olhos como era o negocio. E fui. Andei... andei... e fui encontrar o seu Matias dormindo sentado no fundo do mercado dos capiras, como lá se diz.

— De casa! Bati palmas.

— Ele abriu os olhos e me conheceu.

— Você, aqui?!

— Eu mesmo.

— E como vão as plantações?

— Bem... Assim... Regular... Você recebeu?!

— Sim... Não lhe mandei dizer nada porque você sabe que, aqui, tudo é bem organizado, que nada se perde, que não ha perigo...

— Então, eu disse:

— Desculpe, seu Matias. Eu vim resolvendo a falar com você, porque a mulher está sem roupa, as crianças

sem camisa, não tenho nem para fumar...

— Mas... que é que você quer dizer com isso?

— Você sabe: as coisas estão ruins. Vinha vêr se podia arranjar as contas.

— Ah! Vicente, gemeu seu Matias, os negocios vão mal. Aqui tambem está ruim. As coisas não valem nada. Tambem as vossas mercadorias não prestavam. Só tenho lido prejuizo. Tive de pagar da minha algibeira as despesas daquilo que não são de brinquedo.

— Como ha de ser?

— Então, ele me disse: lá que está aqui, eu lhe vou provar. Venha comigo: aquele é o carroceiro. E' preciso pagar-lhe. Ele não pôde trabalhar de graça. Esse outro é o carregador: precisa comer para ficar forte e carregar as mercadorias. Aquelle que você vê lá longe, de colarinho e gravata e um lapis á tomar notas—é o fiscal, e, cada seis meses dobra a cobrança. Eu, Vicente, tenho que pagar tanto imposto, licença e selo, que as mercadorias não dão para tudo isso.

O Vicente, com os olhos marejados, gaguejou a sua resposta amargurada ao «atravessador»:

— Mas, você me disse, seu Matias, que eu ficava rico si plantasse as verduras e mandasse para você vender. E agora, nada?!

— Ah! Foram-se os tempos. Si fosse antes...

— Mas, seu Matias, eu tambem pago imposto, até para pescar, quer dizer: pagava; porque este ano não pude pagar o imposto da terra. Até tenho de pagar a multa. Esperava receber de você...

— Mas o homem contou ainda não sei quantas historias—que tudo está ruim, que nada dá e que quem trabalha deve comer, que o «chauffeur», que o carroceiro, que o carregador, que o fiscal devem ganhar, tanto que eu peguei e disse:

— Então, seu Matias, só eu é que devo trabalhar sem comer e sem poder comprar fumo?

Nessa hora passou o homem do colarinho e da gravata, o tal fiscal que trabalha com o lapis na mão.

Seu Matias chamou:

— O seu Jorge, está aqui seu Vicente que pensa que aqui estamos fazendo fortuna nas suas costas.

— Não, seu Matias, não é isso. Mas, você disse que o carroceiro precisa comer porque trabalha; que o carregador, que o fiscal, todos tem de comer; então eu não trabalho? não devo comer?

— E o tal fiscal disse:

— Eu tambem sei o que é a roça. Lá, nada se tem que gastar. A natureza dá tudo.

Depois disso, achei que pôde ser que seu Jorge tinha razão. A natureza dá tudo. E todo dia é dia santo.

Agora, vamos vêr... Trabalha-se e não se recebe. Para quê, pois, tanta canseira?

E' por isso que estou aqui tomando sol, de papo para o ar.

A. N.

A Democracia é uma ficção

(Fraxe de C. ARANHA)

A Democracia é uma ficção, disse o sr. Aranha, hontem, representando uma peça tragi-comica no teatro Sól Nascente.

E' uma frase, apenas... que para mim, logo a teria esquecido. Mas, em casa, meu tio Caporelli, que já vinha sentindo uma forte tensão nervosa com a perda do seu condiscipulo, amigo e compadre Malatesta, fica, horas e horas, estalico... com o olhar como que descansando numa perspectiva que se prolongasse indefinidamente, monologando: «A Democracia é uma ficção! Malatesta! A Democracia é uma ficção!»

E' isto, repetido, continuado e denunciadamente, a ponto de me encher a cabeça dessa frase, uma frase apenas, dista, mas que lá me vai transformando a intelligencia num mundo de fumaça... E no lusco-lusco das idéas que me vão sugerindo, vou distinguindo, com dificuldade a razão, o motivo porque meu tio permanece na

quele attude paumédica, repetindo aquele monólogo, que é bem uma evocação á memoria do seu compadre, uma comunicação espiritual com o ex-incansavel libertario.

Sim... Os estadistas mais célebres falharam com as panacéas politicas. O gráo da nossa civilização desmente, nessa questáo, a nossa intelligencia associativa.

Desde que o Mundo é Mundo; que o homem vestiu as primeiras calças e a mulher a primeira camisa—avancamos fogosos para a civilização, multiplicando a imaginação inventiva, mas, no mesmo crescendo, aumentando o peso do infortúnio. Chocam-se as opiniões e menos entendimentos para nos guiar, para nos orientar segura e eficazmente, num caminho de ordem, de harmonia, de solidariedade.

Vive-se! Mas, como?

Para uma vida tão efémera, passageira, tanta ansia atraz de um momento de ventura, em meio a uma desintelligencia constante, degladiando sempre e sempre enchendo e extravasando os nossos corações da má-gua de viver!...

E é feliz, lá fóra, a Natureza: nas suas expansões, na sua liberdade tão comunicativa, tão promissora—quando a observamos por sobre os muros dos nossos preconceitos.

«Malatesta! A Democracia é uma ficção!» Nada mais pôde restar das instituições! Nada! Esses edificios que o homem levantou, ajustando e justapondo peça por peça, auxiliado pelos séculos e auxiliado por duras experiencias em caminhos acidentados ameaçam ruir e ruirão por certo. O edificio mais surpreendente pela sua elevação e acabamento—a Democracia—é uma ficção. Não corresponde aos fins que imaginamos. Não ofereceu garantias ao legítimo proprietario —o povo soberano... expoliado, enganado, nos seus direitos, por uma camarilha de intrusos, trapaceiros.

Diante dessa decepção que golpeia tão profundamente, poderemos, ainda, nos resignar, admitindo que alguém

nos ameace com a vara de Pastor? Eis, aí, estereotipadas, as provações que tanto temos sofrido, pelo crime de criarmos uma vida artificial, com nossos usos, nossos costumes, nossos preconceitos, confectionando leis para adrepor-las ás leis sábias da Natureza. Eis, aí, porque tudo no homem é ficção. E' ficção a paternidade. E' ficção a nobreza. E' ficção o altruismo. E' ficção o espirito de renuncia no proposito de semear o bem, a felicidade, na actual sociedade.

Malatesta! O' libertario! Poste em vida espessado e incompreendido; mas, hoje, o teu espirito ha de abrir á humanidade extraviada, o grande livro de sabedoria da Natureza—onde se aprende—distanciando-se das promessas do homem—o verdadeiro caminho da paz e da redenção.

Malatesta! A ti, tambem, a minha homenagem de profundo reconhecimento e enternecida saudade! Terra Vermelha—6-12-32.

D. MAMEDE

Divulgar
A "PLEBE"
é dever de todo trabalhador de consciencia livre

A "Guerra Civil de 1932 em S. Paulo"
PELO CAMARADA FLORENTINO DE CARVALHO

Já se encontra á venda em todas as livrarias este ótimo livro, cuja leitura recomendamos a todos os homens livres.
Preço — 4\$000. — Pelo correio, registrado — 4\$300.
Os pedidos, acompanhados de respectiva importância, devem ser dirigidos a Rodolfo Felipe — Caixa Postal 193 — S. PAULO.

A VIOLENCIA

Em todos os tempos e em toda a parte do mundo, os «pressores dos povos procuraram pela violencia manter seu inlquo «direito» de subjugar os homens. Em nome de Deus, do Rei ou da Patria, sob o pretexto do direito de propriedade privada, da ordem, da saúde publica e de certas pseudas razões destinadas a encobrir a avidez de mando ou de privilegio, perseguiram a sangue e a fogo a todos aqueles homens que, não se curvando a nefandos esprechos, denunciavam a farsa indigna de todos os governantes do mundo capitalista»

Os revoltados, por cima de todas as conveniencias sociais, arvoraram um ideal de justiça social.

Para sufocar a revolta creadora e exterminar os herejes de todos os tempos, foram postos em pratica os mais asperfeccionados recursos de crueldade. Desde a cruz até a forca, a guilhotina, a cadeira eléctrica, os pelotões de execuções, todas as formas de tortura e de crime legal se tem creado afim de obrigar os rebeldes a transigirem com as infâmias reinantes e curvarem-se ante o crime transformado em lei, e a pprecar na deslignenta resignação de escravos. Porém, inuteis foram todas as barbaridades.

As tiranias encheram de mártires a historia, semearam odios implacaveis entre os povos, sem poder evitar que as idéas novas abrissem caminho, derubando os mais soberbos e violentos poderes. Desapareceram os antigos imperios e oligarquias tombaram (tambem as monarquias que se consideravam com «direitos divinos», mas conservaram uma infinidade de dogmas em cujo nome milhares de homens foram sacrificados.

Surgiram novos poderes, voltou a reinar o que hontem se havia repudiado com horror.

A calamidade do momento accede-se com ouira.

De dois males, preferre-se o menor assim se pensou.

Será essa a unica solução possível? Continuando a dominar o terror dos poderosos, surgiram novos intadores, mantendo sem cessar a grande batalha pela liberdade e, nunca, nem por um só momento, poderam os tiranos proclamar o seu triunfo sobre as forças rebeldes. Estamos hoje no ápice da grande batalha.

O nosso maior inimigo é o capitalismo, esse polvo gigantesco que pretende acorreaturar em seus tentáculos a humanidade inteira. Em sua gloria e beneficio pereceram mais vítimas que sob o dominio dos antigos imperios. Ameaçado pela pressão das multidões oprimidas procura o novo regime sobreviver apelando para recursos extremos: redobra a violencia repressiva e deposita na violencia a sua ultima esperança, a exemplo de todas as tiranias historicas.

Quem são os Hitler, Mussolini, Magalhado, Carmona, Ibañez e demais personagens?

Simplees carrascos da burguezia encarregados de torturar e aterrorizar as massas rebeldes e submetel-as ao jugo insuportavel do capitalismo-opressor, dando assim aos dominadores do momento a aparência de uma estabilidade — que não existe — de um regime que pôde ser desbaratado a qualquer momento. Mais uma vez a terra está sendo coberta de mártires, os carcereis estão repletos de homens de consciencia livre. Para que? Será possível deter o progresso? Inutil crueldade que só serve para despertar odios e agregar o nome de alguns medelhões á massa dos carrascos dos homens que se sacrificam em prol das liberdades humanas.

FRANCISCO CIANCI

Correspondencia do Rio

Trabalhadores!

ranjados ou arranjadores, mas NÃO PODEM SUBORNAR SINDICATOS DE LUTA.

Mas nós, que lhes conhecemos as manhas lutaremos contra essas pantominas de altamentos, leis operárias, representações parlamentares e anunciaremos como «reacionários da pior espécie» essas nossas «amigos» ansiosos por nos pôr nos pulsos algebras de ouro!

Trabalhadores! Oponhamos às manhas burguesas a consciência sindical. «Só o sindicato livre» sustenta as reivindicações proletárias. Tudo o mais é mistificação dos capitalistas! — Um grupo anarquista do Rio.

Nosso verbo

O povo brasileiro atravessa um momento crítico da sua evolução. Os abusos que tem sofrido de há dez anos a esta data, despertaram-no de sua indiferença costumada e o levaram a interessar-se pelas causas públicas, pela sua situação política e social, interesse que se não manifesta mais frequentemente em público porque isso não permitiam os detentores do poder. Basta pôr-se a gente ao par das palestras e das controversias que se dão na rua, nos cafés, nas associações profissionais, nas rodas literárias e que às vezes surgem na imprensa diária para verificar a veracidade daquela asserção.

É neste momento de oscilação de idéas, e choque de opiniões, que necessária e oportuna se torna a exposição do nosso ponto de vista diante dos problemas sociais e políticos a reclamar uma solução, tanto mais urgente quanto mais instável se torna como ora acontece o precário equilíbrio social.

Muitas das verdades que não se dizem aqui, já foram e tem sido mais bem expostas por outros antes de nós. Mas as verdades não têm idade e a memória coletiva é coisa que não existe. É então necessário repetilas, demonstrá-las de novo incunavelmente para que os novos aprendam e para que os velhos se não esqueçam.

O nosso verbo, não será sempre agradável de se ouvir porque não vem prometer nenhum paraíso, nenhuma fortuna mágica por meio da qual se possa realizar o milênium tão desejado das massas. Não queremos ser novo Moisés a conduzir seu povo à terra da promessa. De há muito sabemos que essa não existe; além do mais repugnamos o papel de pastor, de chefe.

Aqui tocamos o ponto essencial da questão: é justamente nas épocas de transição, de mudança de valores reais, de instabilidade das instituições, que, por todos os lados, surgem os guias, os condottieri, os salvadores. E aparecem porque correspondem a um estado de alijam das massas, o espírito messiânico presente em todos os momentos de dor e de desamparo. Os messias são para a massa, aglomerado momentâneo em que as frageis vontades individuais se anulam criando um ser impulsivo, covarde; o ponto de apoio necessário para restabelecer o equilíbrio social, nem que este equilíbrio se repose sobre a miséria e o sangue dos indivíduos.

O povo brasileiro vai atravessar agora esse momento. Ainda não surgiu o senhor desejado, o «homem forte que há de concertar isto». Mas ele já existe na alma gregária das massas. Esperam-n'o ansiosamente e há de vir apertar do nosso grito de alarme porque poucos somos os que não cremos nos chefes e os que sabemos que o indivíduo é a única realidade, e que sua salvação não está nas leis, nas ditaduras, mas dentro de si mesmo onde ele encontrará forças ainda inexploradas, para se afirmar, para se libertar do jugo das instituições, para viver livre entre os livres. Esta revolução libertadora antes de criar novos valores sociais tem que realizar-se nos espíritos fazendo «tabula rasa» de toda a moral atual que repose sobre a razão da maioria, da grei, da espécie e que despreza o fator individual sacrificando-o sempre aos deuses hodiernos, o Estado, a Patria, a Lei, mais sanguinários que os deuses bárbaros de antanho. Contra esses deuses levanta-se agora o nosso verbo para despertar o indivíduo dentre a multidão, arrancá-lo do torpor, livrá-lo do extase, restituindo-lhe a consciência de seu valor, para que se negue ao sacrifício, para que lute e vença, reconquistando seu lugar na natureza.

VICTOR FRANCO.

A bondade

de Malatesta

Meu velho amigo Guérineau, o humilde e obscuro colaborador de Elisée Réclus, que, aos 76 anos, é ainda um dos colaboradores mais preciosos de Sébastien Faure na publicação da obra colossal que é «L'Encyclopédie Anarchiste» — foi amigo íntimo de Errico Malatesta. Conheceu-o em Londres, onde ambos se achavam exilados.

Há muito tempo me contou um fato que mostra bem o que Malatesta foi durante toda a sua vida; o homem cuja consciência se revoltou sempre contra toda injustiça, cujo coração se emocionava e comovia diante de todas as dores.

Tenho fugido dos cárceres italianos, em Londres, uma das suas primeiras preocupações foi ver como poderei viver. Camaradas italianos lhe disseram que muitos dentre eles alugavam uma carrocinha de mão e vendiam, nas ruas, doces, biscoitos, «bambons» e assim conseguindo, dia a dia, o que comer.

Sempre de bom humor, Malatesta achou a ideia excelente e pediu a um camarada: aluga-me a carrocinha, compra-me os doces e o necessário e amanhã sairei para ganhar o pão quotidiano.

A hora marcada para o encontro no dia seguinte, Malatesta, munido do seu carrinho carregado, partiu para um jardim frequentado pelas crianças.

Um dos pequeninos estomendos que pululam em todas as grandes cidades, reconhecendo, sem dúvida, nesse novo comerciante, uma criança grande que se lhe assemelhava, arriscou a frase que vão repetindo as crianças miseráveis de todas as terras.

Olha... Me dá um docinho? Em vez de ser recebido como inimigo, por umas grossas mãos com aliciações de uma ponta-pe, segundo o me-

O «Jornal do Brasil» de 24 de novembro publica o programa político de um novo partido, o «social-liberal». São fundadores os ex-deputados «carcomidos», sr. Antonio Nogueira Pealdo e Henrique de Toledo Dodsworth.

Que nos interessa, a nós anarquistas, mais esse cogumelo pipocado na estrutura da burguezia?

Interessa-nos como sinal contrário do «advé» se quem puder «capitalista» nestes pre-nunciadores dias de borrasca próxima. Próxima sim, porque a situação política do capitalismo internacional atinge seu «climax» de equilíbrio instável e o desabê do monumento milenar não demora muito.

Aqui, neste Brasil das caranguejeiras, o starautamento trompe com esse profugo de «agradar» o proletariado e, ao mesmo tempo, com as tentativas de garrote-lo fascisticamente. E assim, temos todo o mundo «socialista». São, ou dizem-se, socialistas toda aquela gente do Ministério do Trabalho, o Agripino Nazaré, o sr. Cornelio Fernandes, presidente «monteado» da Federação do Trabalho, e até o ridículo Munhoz, manobreiro conhecido há muito aqui no Rio. Socialista é a padralhada inteira, arautos de um «socialismo cristão», calcado na encíclica «Rerum novarum» de Leão XIII, para quem o socialismo era a «peste moderna».

O Congresso Revolucionário de 15 de novembro corrou-se unanimemente «socialista». Por proposta do sr. Jurez Távora quasi foi «socialista nacionalista» (o dia-lo que os entenda!).

Agora surge um partido «social». No Rio Grande surgiu também outro «social». Vejam que os pândegos, não ousando assustar muito a burguezia diáheira e votante, cortam o sulho «ista», apavorador de homens, e conservam «social» apenas, um sulzinho só para temperar o programa e não desgostar muito o paladar da burocracia brasileira propensa à peste socialista. Mais o adjetivo «liberal» e é certo o efeito.

O programa do partido, parte de uma raposa velha e intradissolúta na política profissional, o dr. Penido, é «liberalíssimo», um primor de promessas formidáveis, de arrancar lágrimas a dez ca-léttis.

Já o conhecemos de antemão. Todavia, um ponto há, muitíssimo curioso. É o referente à «sindicalização». Sim, caríssimos, não é bonito, elegante, moda nova, um programa sem sindicalização. Toda gente, há tres anos, berrava contra os sindicatos. Os ex-deputados, jámais, na vida misagrenta que Deus lhes deu, pensaram, dois minutos, em sindicatos. Isso, no Republica velha. O nosso muito saudoso Lindolfo Coliar, antigo burocrata exaltado, pres-to ao Brasil este serviço inapreciável, pôs na moda a «sindicalização operária», que o Agripino, o Pimenta e o Evaristo copiaram de Mus-solali. E a moda pegou firme. O Clube 3 de Outubro quer «sindicalização», o Congresso Revolucionário quer «sindicalização», a padralhada morre por «sindicalização», toda a gente é «sindicalista até de-léttis».

Seado assim, não podia o Partido Social Liberal, del-

nar em branco nuvem a «sindicalização».

No parte «Vida Social», culta ele da «delega de classe e conciliação social». É um chorribo de promessas aos funcionários (quasi todo o «victorado», agora, é constituído, obrigatoriamente, por funcionários públicos), aos «operários federais» a quem prometem transformar em funcionários, aos empregados no comércio e finalmente nos operários. Promessas, como todas, sabidíssimas; porém, no n.º 7º diz o texto do programa estas coisas mirabolantes: «organização do sindicalismo de tipo cristão, obedecendo às características gerais infra-indicadas: 1.º) — sindicalismo de organização e colaboração; 2.º) — sindicalismo de base espiritual; 3.º) — sindicalismo de direito privado; 4.º) sindicalismo livre, isto é, sem a intervenção direta do Estado; — 5.º) — sindicalismo profissional».

Para mostrar que barafunda «noves-fores-vezes quatro» andando na cabeça artimanhosa dos ex-deputados nesse assunto de «sindicalismo», leiam o que vem logo depois: «Instituição de tribunais de Justiça do trabalho para dirimir os conflitos de interesses entre as classes patronais e as obreiras». Noteiam que para os chefes do Partido, há «varias» classes patronais e «varias» classes obreiras!

Agora, respondam-me vocês como e por que artes pôde haver sindicalismo «livre, sem interferência direta do Estado», com esses «tribunais» para dirimir contendas entre patrões e obreiros! Vocês não entendem? Eu explico. O programa promete a não intervenção DIRETA do Estado. Mas pôde haver o INDIRETA, não é? Estão compreendendo?

Peço-lhes uma coisa. Quem adivinhar me diga o que é sindicalismo de organização e colaboração, o que é sindicalismo de «base espiritual» e o que é sindicalismo de «direito privado!».

Que águas! No fim a cadeirinha de deputado! Não é bom?

(Do correspondente).

De todas as partes surgem, agora, vozes «revolucionárias» a gritar em nome do operariado e a proclamar a necessidade imperiosa de reconhecer-lhes os «direitos» e atender às suas «aspirações». Trabalhadores! A extrema esquerda revolucionária grita-vos: ALERTA! E explica-vos este seu grito.

A primeira organização dita «revolucionária» que proclamou esse «amor» aos trabalhadores foi o Clube 3 de Outubro. E que fez esse Clube? Publicou um programa de cunho acentuadamente fascista, o que pode haver do reacionário e anti-proletário.

Já o governo «revolucionário» do sr. Vargas, por mão do seu ministro o capitalista Lindolfo Coliar, fez «leis protetoras» do operariado, leis opressivas, leis infames, leis escravizadoras, cujo único fim era e é fabricar fôstros electoraes para os ministros do trabalho.

Além do Clube 3 de Outubro, vários manifestos e programas tem surgido com lumbos revolucionários e invariavelmente, todos eles, «amigos» do trabalhador; mas todos eles sempre e sempre com esta cláusula: REPRESENTAÇÃO «das classes trabalhadoras» no Parlamento ou Conselhos Técnicos e LEIS DE SINDICALIZAÇÃO.

Temos assim os burguezes, ontem ferrenhos INIMIGOS dos sindicatos, hoje «mortos de amor» por eles.

Pois nós vos clamamos: ISSO É UM EMBUSTE! Os sindicatos «não querem ter representantes em nenhum parlamento ou conselho técnico, e repelem, com toda a energia qualquer, lei de sindicalização. Os sindicatos pedem, apenas, aos «amigos dos trabalhadores, uma coisa: LIBERDADE SINDICAL».

Trabalhadores! A prova de que todos esses «revolucionários» não passam de reacionários encapotados a tremem diante do movimento sindical conciente, e que «eles insistem por nos dar o que nós jámais pedimos», essa palhada legislativa. E porque? Porque tais leis só protegem a eles reacionários. Eles querem «representação proletária». Porque? Porque podem subornar «representantes» ar-

Festival P. R. O A Plebe

Hoje, 24 do corrente, ás 20 horas, no salão CELSO BAR, CIA, sito á rua do Carmo, realizar-se-á um festival em beneficio de a «A Plebe» com o seguinte

Programa

- 1.º - Conferencia sob o título: O SEculo DO OPERARIO, por Adelfino do Pinho.
- 2.º - Pelo Grupo Teatro Social, será levado á cena o drama do sr. C. Cayace, intitulado: A IDEIA EM MARCHA.
- 3.º - Representação, pelo mesmo Grupo, da fantasia social de A. Schmitt: AO RELENTO.

